

In the face of history

In the face of heritage, which is the place of all duties and all obligations, art appears as the place of all rights and all possibilities. In one field, regulations and norms are imposed, intervention criteria are scrutinized, preservation instruments are applied so that everything remains and lasts for a long time. In the other, freedom is established, rules to break and models to transgress are known. The first domain is that of stability, the second that of restlessness. If we were looking for a metaphor, the contrast between a cold winter and an early spring might work.

However, there is an increasing number of cultural manifestations in which the two fields intersect and in which heritage and artistic creation converge. The extreme understanding of such cultural manifestations - art and heritage - has given rise to projects in which art reads and interprets heritage and this is a vehicle, a resource, a support for art.

Such is the work of Balbina Mendes, generated in a direct relationship with a land, a place, its heritage. Ink and plexiglass, face and mask, skin and tattoo build images of images. Her painting is born out of a certain heritage nostalgia and is renewed in each layer, in each transport of a memory, a ritual, a decoration.

Perhaps I would write differently about this painting if I weren't living under a new skin, that of heritage administration. But at this moment, it is interesting to look at Balbina Mendes' images, not as objects, but as processes that can only develop in time and history, acquiring a second skin at each moment.

Face à história

Face ao patrimônio, que é o lugar de todos os deveres e de todas as obrigações, a arte aparece como o lugar de todos os direitos e de todas as possibilidades. Num campo impõem-se regulamentos e normas, escrutinam-se critérios de intervenção, aplicam-se instrumentos de preservação para que tudo permaneça e perdure no tempo longo. No outro, instaura-se a liberdade, conhecem-se regras para as quebrar e modelos para transgredir. O primeiro domínio é o da estabilidade, o segundo o da inquietação. Se procurássemos uma metáfora, o contraste entre um inverno gelado e uma primavera precoce poderia funcionar.

No entanto, há cada vez maior número de manifestações culturais em que os dois campos se cruzam e em que patrimônio e criação artística convergem. O entendimento extremado de tais manifestações culturais - arte e patrimônio - tem dado lugar a projetos em que a arte lê e interpreta o patrimônio e este é veículo, recurso, suporte da arte.

Assim é o trabalho de Balbina Mendes, gerado na relação direta com uma terra, um lugar, o seu patrimônio. Tinta e plexiglass, rosto e máscara, pele e tatuagem constroem imagens de imagens. A sua pintura nasce de uma certa nostalgia patrimonial e renova-se em cada camada, em cada transporte de uma memória, um ritual, uma decoração.

Talvez escrevesse de outro modo sobre esta pintura se não estivesse a viver sob uma pele nova, a da administração do patrimônio. Mas neste momento, é interessante olhar as imagens de Balbina Mendes, não como objetos, mas como processos que só no tempo e na história se podem desenvolver, adquirindo em cada momento uma segunda pele.

Laura Castro
Diretora Regional de Cultura do Norte
Regional Director of Culture of the North